

Literatura & Gênero I

Claudia Nigro*

A literatura não só relaciona sons a símbolos, nem desvenda apenas os sentidos das palavras: ela descobre, retirando o véu do dado e mantido, o mundo. Esse desvendar acontece alterando concepções, apresentando sujeitos invisibilizados ou facilmente deletáveis da sociedade.

Num maravilhado universo visto sob óticas diversas, a literatura permite que todos os corpos exponham seus saberes, suas formas, seus gozos.

Os estudos de gênero encontram na literatura espaço para se desenvolverem e fornecerem à sociedade oportunidades para repensar rótulos, ampliar conhecimentos, quebrando crenças limitantes pré-estabelecidas. Ressignificam o potencial infinito do humano sob o capitalismo patriarcal, contribuindo para uma perspectiva de união, estabelecendo redes de conhecimento e afeto. Afinal, em muitos sentidos, a literatura nos afeta.

Esse *Dossiê Literatura & gênero I*, conta com cinco artigos e um artigo traduzido. Passemos à apresentação dos mesmos:

O primeiro texto é a tradução do artigo “Imaginários sexuais da liberdade: performatividade, corpos e fronteiras”, de Letícia Sabsay, professora no Department of Gender Studies da London School of Economics and Political Science (LSE). Nesse artigo, a autora aborda as maneiras pelas quais a dimensão corporal da ação política poderia contribuir para uma radicalização da democracia, examinando a política de cidadania sexual com foco na dimensão corporal das lutas por liberdade e justiça gendrada e sexualizada. No atual e adverso momento político, Sabsay advoga – realizando-a –, a necessidade de uma análise crítica de como os corpos se tornam alvos de novas lutas e, também, armas de resistência.

No artigo “Feminismo King Kong: Paul B. Preciado e Virginie Despentes fazem amor”, Aléxia Bretas, professora do Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC), aborda *Testo Junkie*, de Paul B. Preciado, e *Teoria King Kong*, de Virginie Despentes, obras experimentais produzidas no entrecruzamento de dois gêneros filosóficos apócrifos: a autobiografia e o ensaio corporal. Segundo a autora, aquilo que aproxima duas realidades, em princípio, incompatíveis resulta num fulgurante lampejo sexo-lítero-filosófico que nasce da interpenetração de dois exemplares de autoteoria

* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: cmc.nigro@unesp.br

concebidos nos limiares do feminismo. Nessas obras, King Kong, concebido como um avatar de uma sexualidade polimorfa, situa-se na fronteira entre macho e fêmea, homem e animal, adulto e criança, civilizado e primitivo e, por isso, encarna a possibilidade do híbrido diante da obrigatoriedade do binário.

“Das experiências de Beno e Kid: representações de gênero em *Lunário*, de Al Berto” é o artigo de André Luiz Russignoli Martines, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que estuda as representações de gênero ou transgênero presentes na ficção do poeta, editor, pintor e animador cultural português Al Berto com base em Judith Butler e Joan Scott. Em *Lunário*, há, segundo o autor, um estilo literário marcado profundamente por um tom lírico. Esse estilo presta-se à inserção das personagens Beno e Kid, que questionam as perspectivas identitárias normativas e contestam os limites de gênero ao narrarem suas vivências pessoais.

No artigo “A construção da identidade em *Sortes de Villamor*, de Nilma Lacerda”, Cecília Barchi Domingues e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, respectivamente, mestrandas no Programa de Pós-Graduação em Letras e professora no Departamento de Linguística da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Assis, analisam a obra *Sortes de Villamor* com base na Estética da Recepção, privilegiando a abordagem do tema da construção da identidade nas relações obra-leitor implícito. Segundo as autoras, na obra de Nilma Lacerda a temática é associada à afirmação ideológica dos personagens protagonistas, tornando-se atraente para o jovem leitor em fase de definição de sua própria identidade.

Em “Identidade feminina na literatura judaica ortodoxa brasileira”, Daniela Susana Segre Guertzenstein, doutora em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da mesma universidade, realiza uma análise crítica de conceitos sexistas presentes na literatura bíblica hebraica e na literatura judaica ortodoxa publicada em língua portuguesa. Nesse sentido, identifica, nos textos estudados, a presença de um “feminismo às avessas” que se marca pela defesa da submissão e pela convivência com a perpetuação de práticas decretadas por meio de uma literatura chauvinista caracterizada por contínuos confrontos sexistas. Tal produção literária, segundo a autora, reduz seus leitores a seguidores acríticos de lideranças institucionais.

Por fim, em “Jovita: a donzela guerreira da guerra do Paraguai”, Norma Wimmer, do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto, aborda a vida e a presença de Antonia Jovita Alves Feitora, incluída no livro dos heróis, no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília (DF). Segundo a autora, vários escritores relatam a história dessa donzela guerreira, alguns associando-a à heroína francesa Joana D’arc. Jovita teria sabido da invasão das fronteiras de Mato Grosso do Sul e, em razão disso, teria se alistado como voluntária para vingar as mulheres atacadas pelo inimigo. Para cumprir seus objetivos, travestiu-se de homem. Desmascarada, embarcou para o Rio de Janeiro com a patente de segundo

sargento, sendo, nas paradas do navio, aclamada pela imprensa. Walnice Nogueira Galvão e Eric Hobsbawn são as referências teórico-críticas mobilizadas pela autora para abordar a história da Voluntária da Pátria Jovita Alves Feitosa.

Para encerrar a Apresentação do *Dossiê Literatura e Gênero I*, agradeço a todos os que contribuíram para que ele se tornasse possível, aproveitando a oportunidade para anunciar o *Dossiê Literatura e Gênero II* para o próximo número da *Revista Olho d'água*.